

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	3600 "
Para o Brazil, por anno	2\$100 "
Para a Africa, por anno	1\$150 "

Annunciam-se as obras das quaes se recebe um exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ADMINISTRADOR

F. Antonio d'Aguiar

A correspondência que diga respeito á Redacção ou á Administração, deve ser dirigida para o—Largo do Conselheiro João Franco—FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

PROGRAMMA

Ao encetarmos a publicação do «Figueiroense» não nos anima o interesse material.

O nosso objectivo é mais levantado, porque mira ao proposito de concorrer quanto nos seja possível, para o engrandecimento nacional em todas as suas manifestações de actividade.

Uma criminosa indiferença da parte dos governados, e uma inaptidão da parte de muitos governantes, accrescida algumas vezes, de venalidade, hão concorrido para o rebaixamento da nossa nacionalidade, ou tirara de renome tão fulgurante.

Aos primeiros incitaremos por uma propaganda sã e sem repentismos de exaltação ao cumprimento dos seus deveres civicos e politicos; e aos segundos não regatearemos censuras para os conduzirmos ao caminho da legalidade.

Aos interesses locais ligaremos a importancia de que sejam dignos, e de que esta comarca, uma das mais importantes da extremadura, careça; mas sem recairmos nas questões de caracter pessoal, porque isso, alem de irritante, seria improprio da nossa missão de jornalistas, embora humildes e sem pretensões.

E podemos desempenharmos cabalmente d'este programma, porque nos não ligam compromissos partidarios, nem a nossa independencia se coadunaria com suggestões ou ordens d'onde quer que ellas partissem.

O que n'este semanario se escrever é o sentir franco, leal e desapaixonado de seus redactores.

Para tornarmos esta publicação, tão interessante e util quanto nos fôr possível, publicaremos, sempre que nos seja opportuno, artigos sobre agricultura, hygiene, economia politica, artes, etc., etc.

Aos cavalheiros que enviamos este semanario, e caso lhes não seja possível honrar-nos com a sua assignatura, pedimos a fineza de nol-o devolver, para que nos não obriguem a despezas inuteis. No entanto esperamos que os cavalheiros a quem tomamos a liberdade de lhes enviar o nosso semanario nos auxiliarão na nossa empresa com as suas assignaturas, o que antecipadamente lhes agradecemos.

PARLAMENTO

Não representa em Portugal a expressão da verdade, porque os deputados eleitos não o são por livre escolha dos eleitores. A corrupção de que os ministros lançam mão é que faz eleger os suppostos representantes do povo. E n'este crime de burla eleitoral tão cúmplices são os regeneradores como os progressistas. Uns e outros seguem os mesmos processos para forjar maiorias; e como os homens de valor politico e estatura moral—mas desligados dos conluios partidarios—se não prestam a estas indecorosas comedias de politica indigena, e sem precedentes em paiz algum do mundo, nós vemos o parlamento, seja qual fôr o partido que esteja de posse das adoradas pastas, composto de nullidades ou de funcionarios que defendem antecipadamente as medidas governativas dos estadistas que os fizeram eleger!!

No nosso paiz os deputados governamentais distinguem-se pela obediencia incondicional ás ordens dos ministros. Não se ouve nas bancadas governamentais uma opinião a destoar n'um ou n'outro ponto dos projectos apresentados pelos ministros. Do mesmo modo, os deputados da opposição, embora eleitos a satisfação do governo para representarem de opposição fiscalisadora aos actos ministeriaes, não cessam de combater todas as medidas governativas, como se na alluvião de projectos em que os ministros são tão fecundos, não houvesse algum digno de approvação!

Isto só seria sufficiente para desautorar o regimen politico e os chefes que o defendem. Não se vê isto em França, Inglaterra e em outros paizes onde o systema constitucional não é uma fabula grosseira, como entre nós.

Lembra-nos que no ultimo orça-

mento apresentado á camara dos communs em Inglaterra pelo respectivo ministro, este diploma mereceu os applausos de todos os deputados presentes á sessão. Assim, o povo vê nos seus eleitos, deputados interessados em dizer ao paiz a verdade da marcha governativa, porque os deputados da opposição não reusam os seus votos de approvação ao que lhes parece de interesse para a nação, assim como combatem só o que lhes parece funesto aos interesses da collectividade.

Em França, vê-se que os deputados que levam ao poder um partido ou fracções de partidos, derrubam-os quando por incompetencia ou por falta de cumprimento aos seus programmas governativos, se não desempenham das promessas que fizeram fóra do ministerio.

Em Portugal, jamais caiu um ministerio por falta de confiança dos representantes do povo.

De modo que em Portugal não governa o povo por intermedio dos seus representantes em côrtes e não governa porque os deputados não são da sacrosancta tria do governo que por mera phantasia constitucional os fez eleger.

Se a representação nacional em côrtes fosse a genuina expressão da verdade, os negocios de administração publica não nos teriam arrastado á situação periclitante a que nos reduziu os ministros de estado que se revesam no poder.

Mas embora a burla constitucional seja um facto indiscutivel de ha muitos annos, e em que tanto são responsaveis regeneradores como progressistas, devemos assentuar que jamais foi tão vilipendiosa como nas eleições de deputados que se hão feito desde 1890 em diante.

Progressistas e regeneradores têm ultrapassado todos os principios de decoro politico com um despreendimento que resvala pela incapacidade politica dos chefes d'estes partidos. Por este modo, nem aos fazedores de deputados lhes é possível governar bem, porque se a razão politica do estado e os interesses nacionaes requerem para o bom e legal andamento dos negocios publicos, o concurso de homens livres e independentes do governo que sem tergiversações e com a independencia que não podem os dependentes do orçamento do estado, digam a sua opinião e votem conforme os dictames de sua consciencia, e a razão lhe dita, as medidas governativas, porque se não ha de mudar de rumo politico e obstar em quanto é tempo que se afunde n'um abysmo a nacionalidade que ha oito seculos vem pelo esforço de seus naturaes mantendo a sua independencia e bom nome?

Para o povo appellamos, e que elle cumpra o seu dever, levando ao seio da representação nacional homens de reconhecido talento e probidade politica, para que em quanto é tempo salvem a nação da ruina e do descredito, e fomentem todos os negocios de interesse publico, e nos ponham em paralelo com as nações que são modelos de administração e riqueza.

Falla-se muito n'um governo de concentração monarchica. Não o acreditamos, a não ser que se queira reeditar os ministerios nephelibatas constituídos depois do ultimatum e que se ensaiaram em Portugal sem consequencias uteis para a administração nacional ou para o aniquilamento dos inimigos das instituições.

Tenham juizo os senhores do mando e não dêem mais esse espectáculo da incapacidade politica á Europa já abysmada da incompetencia administrativa dos estadistas portuguezes.

Brito Camacho

O governo progressista attendeu o requerimento do sr. dr. Brito Camacho, que desde o ultimo ministerio regenerador vinha instando pela sua exoneração de cirurgião militar. Praticou o governo progressista um acto de justiça que o ministerio Hintze Ribeiro se negou obstinadamente a praticar, embora antes do sr. Brito Camacho, os governos tivessem attendido muitos requerimentos identicos.

Por isto felicitamos o sr. Brito Camacho e louvamos o sr. ministro da guerra que deferiu ao requerimento do sr. Brito Camacho que não queria continuar a ser cirurgião militar.

Oxala pue tivéssemos sempre motivos para louvar o governo.

Movimento parochial

O movimento parochial n'este concelho durante o mez de julho findo, foi o seguinte:

Nascimentos (legitimos)—Varões, 23; femeas, 24. Total 47.

Nascimentos (illegitimos)—Varões, 2; femeas, 4. Total 6.

Casamentos—Solteiros com solteiras, 4; solteiras com viuvos, 1. Total 5.

Obitos (doenças geraes)—Varões, 17; femeas, 17. Total 34.

Aos nossos collegas

Aos nossos illustrados e esclarecidos collegas da imprensa a quem hoje dirigimos o nosso modesto semanario, pedimos a fineza da permuta.

LEI DE IMPRENSA

Na opposição, n'aquelles bons tempos da colligação, prometteu o partido progressista reformar a lei de imprensa, e da qual disse no *Correio da Noite* o que Mafoma não disse do toucinho.

Vae, pois, ao que dizem as gazetas, desempenhar-se da sua promessa solemne.

E enquanto não reforma a lei de Lopo Vaz, vae mettendo os jornalistas na cadeia, e—o que é mais—fazendo apprehender nas ruas de Lisboa, pela policia de que o sr. Alpoim tão lisongeiramente fallou, os jornaes da opposição.

E pensarão alguns dos nossos leitores que os abusos do poder contra a liberdade de imprensa param só n'isto? Se assim pensam, enganam-se redondamente. A policia, não sei por que certo artigo do código administrativo se regula no seu proceder despotico, faz cerco ás redacções, e sem os jornaes irem á censura, não os deixa circular. É um abuso vexatorio que a policia não devia praticar, e contra o qual tem protestado toda a gente, que não depende da Parreirinha.

Que o sr. João Franco tivesse organizado a policia a prestar o relevante serviço de pôr em velamento os *neurones* adormecidos dos lisboetas, comprehendia-se como uma obra de caridade para despertar os esquecidos, mas que essa organização policial tenha uma lei que regule o exercicio das suas attribuições, e que a essa lei se

dê uma interpretação tão elastica que se lhe reconheça o direito de obstar á livre circulação das gazetas, é que nos parece estrambotico e attentatorio do direito de propriedade.

Tambem as gazetas dizem que o sr. ministro da justiça não confiando só do talento legislativo do seu inconfundível nariz, toma por collaboradores da sua obra, entre outros, o sr. Trindade Coelho, agente do ministerio publico, incançavel magistrado sempre prompto a promover contra os jornalistas, aos quaes lamenta na imprensa periodica de que é distincto ornamento, e na associação dos ditos jornalistas, como bom collega das lides gazeteiras.

E os jornalistas vexados e prejudicados pela lei de Lopo Vaz, fustigam valentemente em artigos de jornaes a incoherencia do sr. Trindade Coelho, que n'uma parte promove contra os jornalistas, e n'outra parte pugna pela liberdade de imprensa, pela instituição d'um jury escolhido para a apreciação d'estes delictos que não podem estar sujeitos ao criterio juridico d'um juiz singular que pode ser muito recto, e muito instruido, mas que em politica terá paixões e facciosismo como todos os mortaes.

Ora, francamente, nós não vemos incoherencia ~~alguma~~ no duplo procedimento do sr. Trindade Coelho. O homem ganha a sua vida, ora promovendo como magistrado contra os jornalistas insubmissos, ora escrevendo como jornalista artigos nas gazetas.

Come a dois carrinhos, mas

sem favor de ninguem, porque emprega a sua actividade em dois ramos de trabalho, um publico e retribuido pelo estado, e outro particular e talvez mal retribuido pelo favor publico, porque o publico não engorda jornalistas, com excepção do nosso collega da rua Formosa; mas este sabe encaminhar bem a sua prosa até aos analphabets que se não sabem ler os annuncios do diario de maior circulação, se entretem a mirar as zincographias.

Das garantias de liberdade jornalística, já os interessados podem ir formando juizo pelo antecedente procedimento do governo e da policia, bem como do collaborador bifonte. Se a rolha não fôr de maiores proporções do que a fabricada por Lopo Vaz, podem os jornalistas dar graças a Deus ou ao diabo por não ficarem mais rolhados do que até agora.

Assassinio de Canovas del Castillo

Na occasião que Canovas del Castillo lia os jornaes na sala do hotel de Santa Agueda, aproximou-se do illustre estadista hespanhol um homem decentemente vestido, e sem dizer palavra, levantou o braço, disparando tres tiros em Canovas.

Canovas morreu tres horas depois, chamando ~~assassinio~~ ao seu agressor, e ~~alucinando~~ as seguintes palavras:—Viva a Hespanha.

O assassino foi immediatamente preso por dois banhistas, chegando ainda a disparar o revolver na lucta.

Dizem que é um italiano, e francamente só entre alguns italianos desvairados por principios politicos a que aqui não podemos fazer referencias pode haver um homem capaz de tanta audacia. O assassinato

de Carnot, o honrado presidente da republica franceza, o recente attentado contra a vida do rei italiano, e outras tentativas de assassinato em personagens de superior graduação social e politica, dão-nos a comprehensão do que são capazes certos italianos desvairados por um credo politico que merece a reprovação de toda a gente sensata.

Este acontecimento que emocionou toda a Hespanha era commentado por diversos modos; uns opinavam que o mobil do crime foram intuitos politicos, e outros, que a causa seria o resultado de algum odio pessoal. Esta hypothese não a accetamos.

Canovas del Castillo era por certo o estadista mais valioso de Hespanha, e o seu apego ás velharias do conservantismo tinham-lhe creado uma situação social e politica que concitava sobre Canovas os odios ou pelo menos a aversão de todos os liberaes.

Sem duvida que Canovas tinha amigos politicos, mas só dos que militavam no seu partido; era, porem, quasi geral o resentimento que pelo seu conservantismo improprio e impolitico dos tempos modernos, os liberaes sentiam pelo extinto presidente do conselho de ministros.

Canovas era tambem um sabio, e deixa trabalhos valiosos sobre historia e litteratura. Era muito querido da familia real que naturalmente se viu por algumas vezes constrangida a allivial-o do poder para o ceder a Sagasta.

Afonso 12.º devia-lhe o throno, porque ninguem mais do que elle trabalhou para a restauração borbónica. Possuia o *Tozão d'Ouro*, dado por Afonso 12.º ~~como garantia~~ aos seus trabalhos de restauração monarchica.

PROMESSAS

Quando os progressistas estavam na opposição argumentavam diariamente nos seus periodicos que era uma infamia recorrer ao credito,

Eugenia sorriu-se melancolicamente e respondeu:

A lingua que assim disser sempre está muito enganada! pobre de quem é mulher mais ainda da engeitada!

Sim, eu choro noite e dia nunca a tristeza me esquece! pois póde ter alegria quem sua mãe não conhece?

Estas ultimas palavras sahiram já em soluços dos labios da pobre creança, e commoveram todos a ponto de por alguns instantes não se ouvir palavra.

O tio Anselmo foi o primeiro a quebrar o silencio.

—Que diabo! Vocês estão todos de queixo cahido? Pois sempre lhes vou a contar uma historia, e é a respeito de um padre. Quero mostrar-lhes o pue é um padre bom.

—Venha a historia, tio Anselmo, gritaram em côro todas as raparigas.

(Continua)

1) FOLHETIM

ANGELINA VIDAL

A FLOR DO VALLE

Alegres resoavam os canticos pelas puebradas das colinas, acompanhados dos melancolicos sons da viola.

Era uma esfolhada em plena luz de um luar que envolvia os campos nas subteis pulsações dos seus atomos luminosos, pallidos como sorrisos de creanças mortas, serenos como um veo d'arminhos atravez de um laço de chrystal.

As aves escutavam attentas nos seus fôfos leitos, baluçadas pelos movimentos das arvores, e quando em quando confiavam á branda aragem uma nota, um trillo, uma phrase tímida, que lá ia confundir-se nas aspiraes das festivas canções d'aquella mocidade sadia, folgasa, que rodava o eirado.

—O' Eugenia tu não cantas, nem dizes nada! Sempre estás uma tal mona!

Isto dizia uma guapa cachopa de vinte annos, trigueira, e cujos olhos expediam scentelhas de alegria.

—Ora—acrescentou outra cujas faces rivalisavam com as cerejas que mais além, na horta desafiavam o apetite—Pois isto já se sabe, onde ella chega, chega a tristeza. Que trazes tu comtigo, cachopa? Parece que tens maleitas ou mau olhado!

A Eugenia sorriu contrafeita, e continuou a debulhar maçarocas sem dar importancia aos ditos e remoque das companheiras.

De repente ouviu-se lá ao longe o tilintar de guizos, seguido do estalar do chicote.

—É a diligencia—disseram os rapazes, talvez venha hoje o sr. cura.

—O' rapazes, se elle vier a gente amanhã vae com a philarmonica á porta do paçal e acompanhamol-o á egreja. Valeu?

—Valeu! Aquillo dizem que é mesmo um santinho.

—Santidade de padres... resmungou um valente, que fizera as campanhas da França em 1870.

—Ora, lá está o tio Anselmo com as suas coisas! Então não ha padres

bons? perguntou o filho do barbeiro.

—Olha, meu rapazola—padres bons são homens maus—homens bons não podem ser bons padres.

—Ora essa! Então porque?

—Por motivos que tu não percebes e que não estou agora disposto a explicar-te, porque as raparigas querem cantar e vocês em vez de pegarem das violas pegam da batina do padre cura.

Vae lá por casa e eu te direi o que desejas saber.

Eugenia permanecia callada.

A esfolhada continuou ao som de pastoris canções, quando um rapaz pedia attenção gritando:

—Callem-se ahi—o Manuel da Antonia vae desafiar a Flor do Valle. Todos se callaram e o rapaz começou depois de afinada a viola:

Que tristeza é essa tua ó linda flor do luar? põe-se a lua e nasce a lua e tu estás sempre a chorar.

Dizem as linguas do mundo que essas lagrimas que choras, são do desgosto profundo de não te amar quem adoras.

quando a nação já não podia pagar os seus encargos. Lembra-nos que d'uma vez que o ministerio Hintze Ribeiro tentou fazer um emprestimo de nove mil contos que afinal não realisou senão na importancia de tres mil, os jornaes progressistas com um denodo desusual na sua imprensa, combateram este expediente governativo, e diziam que o que a nação precisava era de economias e não de emprestimos. Eram justas e plausiveis estas razões, como o eram as recriminações aos homens da situação.

Succede, porem, que os progressistas conquistam o poder por benevolencia regia, e para desafiarem o asoerboamento do thesouro publico, não possuem outros elementos governativos senão os adoptados por todos os partidos que se têm revezado no poder: recorrer ao credito.

Mas como os capitalistas se retrahem em face da nossa pessima administração de ha muitos annos e sem disposição de emenda, e não estão dispostos a confiar do governo nem um ceutil sem caução, o governo não receia entregar a mãos estranhas os ultimos recursos do paiz!

E' assombroso que se proceda assim, mas o governo não empenho de se manter no poder, e sem outros meios de governar que não sejam os que lhe faculta a cerebrina ideia de recorrer ao credito, faz esforços inauditos para fazer passar as propostas de fazenda, que tão mau acolhimento tiveram.

E' verdade que algumas d'essas propostas parece que já goraram; mas as que o governo teimou converter em lei com a sancção do parlamento farão a ruina da nação, e o nosso descredito no estrangeiro será então geral e conhecido de todos, de modo que os possuidores da nossa divida nacional reclamarão a interferencia de seus governos na nossa administração. Portugal será, pois, o Egypto da Europa.

Não fazemos opposição ao governo, e sabemos que outro que estivesse no poder, teria de recorrer aos mesmos expedientes para governar, porque, qualquer que fôr o partido que esteja de posse das pastas ministeriaes, não conseguirá melhorar a situação nacional nem robustecer o credito do thesouro publico, se não fizer economias cortando cerce por todos os esbanjamentos, e supprimindo todas as despesas inuteis. Ora isto é o que os governos em Portugal teimam em não fazer. Pois é preciso que o façam sem contemplações por despesas injustificaveis e por direitos mal adquiridos, e que nos custam milhares de contos de desperdicio.

Estará o partido progressista disposto a proceder de modo que mereça o applauso de todos que desejam ver bem encaminhados os negocios de administração nacional? Não o affirmamos, porque começou por faltar a muitas promessas de fomento nacional e de economia administrativa; mas se não emendar os erros commettidos e não seguir outro rumo, damos pouco pela permanencia dos progressistas no poder, e o seu descredito por incapacidade politica será completo.

E-nos indifferente que governem progressistas ou regeneradores, mas não nos são indifferentes os actos de administração publica, e os progressistas estão cavando a ruina e o des-

credito da nossa nacionalidade com os seus projectos financeiros. Por isso lhes rejeitamos com a franqueza e imparcialidade com que na imprensa combatemos tudo que se nos antolha prejudicial e ruinoso ao engrandecimento nacional.

Se as perseguições ao professorado primario e a sahida do sr. Ressa no para fóra do ministerio que deverá effectuar-se depois de encerrados os trabalhos parlamentares fossem o elixir da salvação nacional, davamos desde já os parabens ao governo apesar de haver victimas immoladas injustamente, mas não é com isto que se salvará a barca do estado. O caminho a seguir deve ser outro e nós já o apontamos.

JAPÃO

O imperio japonês, orgulhoso da sua recente victoria contra as tropas do Celeste Imperio, não levou a bem a annexação das ilhas do Hawaii aos Estados Unidos do Norte. O partido militar do Japão aneia por uma desforra nos campos de batalha ou nas aguas do mar; e a Hespanha—ao que se diz com certa reserva—não desgostaria de ver os Norte-Americanos envolvidos em guerra com os japonezes, porque se veria mais livre para suffocar os cubanos nas suas justas aspirações e que o general Weiler não pode vencer em campanha; mas do que se vinga cruelmente n'algun prisioneiro cubano que lhe cae no poder e manda fuzilar, embora proceda contra as leis da guerra e da humanidade.

No entanto os estadistas japonezes não se illudem naturalmente a respeito dos Norte-Americanos, e sabem que este por tal torção rajoso não lhes que suprimil-a imperador chinês.

Por isto vê-se que a Hespanha não confia muito na pericia nem nos estratagemas do general Weiler que ha tanto tempo vem promettendo a pacificação das Antilhas.

A cada promessa ou affirmativa de Weiler vêm os factos dar inteiro desmentido.

A questão da annexação do archipelago do Hawaii não indispe só os japonezes com os Estados Unidos; mas tambem a Inglaterra por causa das pescarias no mar de Behring. Por isso a Inglaterra fez occupar a ilha de Palmira, situada muito perto do archipelago de Hawaii. E como este acontecimento levanta-se duvidas ao governo do archipelago que affirma pertencer-lhe esta ilha, a Inglaterra sustenta que lhe pertence desde 1868. E accrescentam os nossos *feis aliados* que estão no seu pleno direito de occupação, visto que os Estados Unidos fazem suas as ilhas de Hawaii.

Festividade

Festejou-se no dia 15 do corrente a Senhora da Graça, da freguezia do mesmo nome. Queimou-se na vespera um bonito jardim de fogo de artificio feito pelo exinio pyrotecnico, sr. David, da Certã.

No dia da festa cantou a missa o reverendo parochio encommendado, sr. A. J. Nunes, acompanhada por

musica vocal e instrumental. Ao evangelho subiu ao pulpito o reverendo sr. Lavos que prégou um substancioso sermão, como costuma, e consolidando por esta forma os seus dotes de orador sagrado.

O arraial esteve muito concorrido, tanto na vespera como no dia da festa, e as fogaças eram muitas e lindamente enfeitadas.

Tocaram n'esta festividade duas philarmonicas; a de Figueiró dos Vinhos e a de Pedrogam Grande. Houveram-se bem na execução dos seus trechos de musica, e tanto uma como outra tinham um repertorio muito variado.

Correu na melhor ordem esta festividade, o que muito vivamente nos encantou.

Da parte do Zé povinho nada ha que dizer porque se manteve em boa ordem, o que nem sempre acontece por effeito dos vapores alcoolicos que lhe sobem ao cerebro quando as libações são frequentes, e de bom vinho, o que se não vende nas locandas d'este genero, nos dizem os frequentadores, queixando-se que os taberneiros os lesam no preço da mercadoria, e na qualidade por a terem baptisado em excesso.

Fallecimento

Falleceu em Vizeu no dia 18 do corrente, em consequencia de um parto laborioso, a sr.^a D. Maria do Ceu Mendes Cid, irmã do ex.^{mo} sr. dr. Affonso Mendes Cid, distincto medico do partido municipal d'esta villa. Por este motivo, pariram para Vizeu, suas ex.^{as} dr. Cid, Joaquim Navarro Marques de Paiva e D. Erelvina Mendes Cid.

A familia enluctada enviamos a vossa condolencia.

Incendio

Um pavoroso incendio destruiu por completo a casa de habitação do sr. Sebastião Caetano d'Oliveira, d'esta villa, na noite de 19 do corrente. O sr. Sebastião Caetano d'Oliveira morava no rez-do-chão e no primeiro andar, morava o inquilino sr. Albergaria, digno escripturario de Fazenda Nacional, e distincto professor de instrucção secundaria.

O incendio começou pelo primeiro andar, e por volta das nove horas da noite, ignorando-se por ora o que lhe deu causa.

Deu por este incendio uma visinha do predio incendiado, porque a esta hora todos que moravam na casa do sr. Sebastião Caetano d'Oliveira, dormiam.

Aos gritos de socorro acudiu muita gente, animada da melhor vontade de extinguir o incendio, mas era impossivel dominal-o, porque as chammas irrompiam furiosamente pelo telhado, de modo que em pouco tempo todo o predio era um brazeiro.

Havia muita gente para prestar auxilio, e que de todos os pontos da villa corria ao local do incendio. Tambem alli chegou a bomba de incendios, conduzida pelos primeiros que se lembraram de a levar, mas sem pessoal adestrado, nem um dirigente capaz de ordenar acertadamente os trabalhos de extincção do fogo. Uma confusão medonha, por-

que todos querem ordenar o ataque, e todos querem trabalhar, e alguns o fazem com denodo, mas debalde porque falta uma direcção unica, intelligente e acertada, e um pessoal habil n'este serviço. Devido a esta circumstancia se devê, certamente, não se ter salvado no todo a mobilia, roupas, etc., etc.

Felizmente não succedeu desastre algum pessoal, o que, apesar do lamentavel sinistro, foi uma felicidade.

O predio estava seguro na companhia *Tagus*, na importancia de um conto de reis, mas o seu valor era muito superior a dois contos. Tanto o sr. Sebastião Caetano d'Oliveira, como o sr. Albergaria, não tinham no seguro as suas mobílias e portanto o prejuizo n'esta foi quasi total.

O sr. Sebastião que n'esta villa tem conquistado a sympathia de todos pelo seu caracter digno, e obsequidade expontanea tem sido vivamente lamentado, e não lhe hão faltado amigos, animando-o á resignação.

Por vezes tem succedido desastres d'esta ordem em Figueiró dos Vinhos, porem nenhum de tanto prejuizo. Ora sendo esta villa uma das de provincia com maiores e mais custosos edificios, e alguns de luxo, urge que se estabeleça um serviço de extincção de incendios mais completo, e com pessoal habilitado para que em identicos casos de esta ordem, não tenhamos de lamentar tão grandes prejuizos. A boa vontade com que todos correm ao local do incendio não é garantia segura de que possam conseguir alguma coisa de util e proveitosa.

Não faltam n'esta terra pessoas de prestigio e que solicitando a boa vontade de todos os outros, com certeza conseguirão organizar um bom pessoal para a extincção de incendios.

CARTEIRA

Regressaram de Coimbra, a esta villa, tendo passado alguns mezes n'aquella cidade, as ex.^{mas} sr.^{as} D. Henriqueta Guimarães Cid e Castro, e D. Leonor, esposa e filha do ex.^{mo} sr. dr. Francisco Augusto das Neves e Castro, meretissimo juiz de direito da comarca de Coimbra.

Está n'esta villa, de visita a sua familia, a ex.^{ma} sr.^a D. Adelina d'Almeida, esposa do nosso assignante de Lisboa, o sr. Manuel Simões d'Almeida.

Tambem está n'esta villa, sua terra natal, aonde vem descansar das fadigas profissionaes, o distincto esculptor e professor da Academia Real de Bellas Artes, o ex.^{mo} sr. José Simões d'Almeida.

Acham-se a uso de banhos na praia da Figueira da Foz, o sr. Manuel Rodrigues Perdigão, sua ex.^{ma} esposa e filhas.

Tambem estão a banhos na mesma estancia balnear, o sr. José Alves Callado e sua esposa, de Castanheira de Pera.

Desastres

No dia 12 do corrente, no logar do Ramalho, freguezia de Santa C.

tharna, d'este concelho, trabalhavam uns homens n'uma barreira; esta porem desabou, sendo victima Antonio Nunes, do referido lugar, de 45 annos, e que dirigia o trabalho, e ficou com um braço fracturado um outro homem, o qual se acha em perigo de vida.

X

No dia 10 do corrente morreu afogado no rio Anbaes, entre as Cortes e Amoreira, concelho de Goes, José Antonio, natural do lugar das Cortes.

O infeliz, que deixa mulher e 5 filhos menores, andava pescando e, na occasião em que mergulhava, prendeu-se-lhe o braço direito entre umas pedras, d'onde se não pode libertar.

Sindicato agricola

Celebrou-se em Alemquer, nos paços do concelho, uma reunião preparatoria para a constituição d'um sindicato agricola. As propostas discutidas e votadas para a formação d'esse sindicato são valiosas para os interesses da agricultura. Ao convite da commissão installadora occorreram os principaes lavradores do concelho com os pequenos proprietarios.

Toda a gente que não está afastada do estudo do movimento associativo, calcula bem as vantagens que advirão para a agricultura e para os lavradores do concelho de Alemquer, da constituição do sindicato agricola.

Nos tempos actuaes é um contrasenso o individualismo, e para se colherem bons-fructos de qualquer empreza agricola, industrial ou commercial, nada tão consequente como a associação de individuos da mesma classe.

Parece que a ideia dos syndicatos agricolas se começa a generalisar no nosso paiz, e bom é que assim succeda. No entanto, o sindicato agricola dos lavradores, do concelho de Alemquer, promette sobresair a alguns outros do paiz, porque de ha tempo que n'este concelho quaesquer negocios de interesse colectivo são resolvidos por meio de conferencias em que todos os cidadãos são ouvidos, expondo cada um a sua opinião sem acanhamento, desde o humilde proprietario até ao abastado lavrador, desde o insciente até ao sabio, e nunca esta liberdade de expressão foi tão ampla, como quando se tratou dos trabalhos preparatorios para a eleição do sr. M. A. Lopes de Carvalho que é com certeza o unico deputado legalmente eleito a contento dos seus conterraneos.

Com a formação do syndica-

to agricola vae succedendo o mesmo. A opinião de todos e de cada um é discutida e aproveitada no que tem de viavel sem preferencias pela opinião de qualquer individuo por mais levantada que seja a sua posição social; e devemos confessar que desde que em Alemquer se trilha este caminho acertado e conforme com os interesses da moderna sociedade, o concelho tem progredido muito, e com vantagem se impõe ao poder central nas suas reclamações justas, e que por este motivo são sempre attendidas.

Uma outra circumstancia não deve ficar sem relato, e é que n'aquellas reuniões celebradas em interesse de todos, se associam os homens de ideias mais avançadas com os mais ferrenhos conservadores. E todos n'estas assembleias de interesse commum estão sem constrangimento.

Magnifico exemplo de bom timo para os concelhos onde uma politica de interesses mesquinhos afasta os homens e os torna impotentes para alcançarem melhoramentos a que tenham direito e até o dever de alcançar por todos os meios legaes.

Compare-se agora as vantagens dos syndicatos entre particulares que concorrem para a felicidade e bem estar de seus associados, e os que o poder central constituido pelos sr. tas, e que arrancando a pelle ao povo, engordam meia duzia de capitalistas que fazem a desgraça da nação.

Este assumpto de importancia transcendente e que d'outra vez explanaremos mais proficientemente nas suas vantagens sociaes, deve preoccupar o espirito das sociedades que pretendem sacudir a tutella do estudo nos negocios de interesse associativo.

HESPAÑIA

Continua assoberbada com as guerras de Cuba e Philippinas. Os telegrammas que chegam á Hespanha tanto de Havana como de Manila, dão como certa a proxima pacificação de Cuba e Philippinas, e o destroço dos insurgentes em todas as batalhas, de modo que se chega a duvidar que os soldados hespanhoes no seu furor guerreiro, já não esgrimem com inimigos, mas com phantasmas, e nem de outra forma seria rasoavel pensar, porque attendendo-se ao numero de victimas que os telegrammas annunciam no seu lachonismo, não pode aceitar-se a possibilidade de n'aquellas paragens existir revolucionario algum.

No entanto, os generaes encarregados da pacificação de Cuba e das

Philippinas suspiram por reforços da metropole.

Ainda agora a desmentir os telegrammas de Weiler nos chega a noticia de alguns combates com manifesta vantagem para os rebeldes.

Centenario da India

A conferencia inter-parlamentar que ha pouco se reuniu em Bruxellas, resolveu celebrar a sua proxima sessão em Lisboa por occasião da commemoração centenaria do descobrimento do caminho maritimo para a India.

Para se conseguir este resultado, trabalharam com o maior empenho, os srs. Conde de Tavor, nosso ministro na Belgica e o dr. Magalhães Lima. Ambos são dignos de louvor pela sua iniciativa que viram coroa da do melhor exito.

Condeixa

Commetteu-se em Villa Secca, concelho de Condeixa, um repugnante attentado que attendendo á pessoa que o praticou, o torna ainda mais execrando.

Em dia de communhão, ás creanças da freguezia de Villa Secca, uma rapariga de 13 annos, e de vantajadas proporções phisicas para aquella idade, foi confessar-se ao parochio encomendado, Antonio Joaquim Dias, e pelo facto da creança ser surda, o padre Dias, foi ouvido de confissão á sachristia. Allí, gabu-lhe uma renda que enfeitava o vestido, afagou-a e depois assentou a sobre os joelhos, passando em seguida á pratica do acto repugnantissimo e criminoso.

A nada attendeu a voluptuosidade do padre Dias. Nem ao logar, nem á solemnidade que allí attrahira a rapariga.

palavras: — Viva

JOSÉ M. GODINHO

COM

ESTABELECIMENTO COMMERCIAL

Esta casa recommenda-se pelo seu bom sortimento de fazendas de todos os generos, miudezas, chapéus e muitos outros artigos e, sobre tudo, pela modicidade dos seus preços.

Actualmente tem armazenados uma quantidade enorme de pannos brancos e crus que vende pelos preços das fabricas

Tem sempre um bonito sortimento de fazendas para fatos proprios da estação, desde 500 a 45000 reis o metro.

Chapéus pretos e de côres para homem a 360 reis e mais preços. — Ditos de côco, cujos feitos são sempre dos ultimos modelos. — Aceita encomendas de chapéus de todos os generos.

Guarda-soes de panninho, setim e seda. D'este artigo chega brevemente uma grande quantidade.

Rendas, bordados, fitas e todos os artigos para confecção de vestidos.

À sua clientella

Encarrega-se da requisição de qualquer artigo do seu ramo tanto da capital como do Porto e do estrangeiro.

Secção de tabacos, phosphoros e papel de fumar

Este deposito tem sempre patente aos seus revendedores grande quantidade de todas as marcas manipuladas pela Companhia dos Tabacos de Portugal.

Charutos. — Descontos nas vendas por GROSSO. — Previnem-se os senhores fumadores que chegou nova remessa das magnificas marcas estrangeiras.

AGENCIA de seguros contra FOGO

N'esta casa tomam-se seguros de propriedades, mobílias e estabelecimentos em condições vantajosas para os segurados.

Correspondente de diversas Casas Bancarias do Paiz. — Desconto de letras e saques do Brazil.

José M. Godinho — (defronte da igreja)

FIGUEIRÓ DOS VINHOS